

# 7 A INTERAÇÃO ENTRE PRODUTOR E INTERPRETADOR NA PRODUÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO 'VELHA HISTÓRIA', DE MÁRIO QUINTANA

---

BORGES, Marilurdes Cruz. Docente do curso de Letras e mestranda em Linguística pela Universidade de Franca (Unifran).

## RESUMO

O presente artigo se propôs a analisar as estratégias de balanceamento dos explícitos e implícitos utilizados pelo autor Mário Quintana na composição do texto “Velha história”. Partindo dos pressupostos teóricos de Koch, Bronckart e Maingueneau, de que é necessária a interação entre produtor e interpretador/autor e leitor para que se estabeleça o sentido do texto, investigamos também as estratégias utilizadas pelo leitor, como seus conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos que o auxiliaram no reconhecimento do gênero e das situações dialógicas que contribuíram para a concretização do sentido e compreensão do texto.

---

**Palavras-chave:** interação; sentido; gênero; explícito; implícito.

## ABSTRACT

The present article aimed at analysing the explicit strategies of balancing of the explicit and the implicit ones used by author Mário Quintana in the composition of the text “Old History”. Based on the theoretical presuppositions of Koch, Bronckart and Maingueneau, that it is necessary the interaction between producer and interpreter/author and reader so that it is established the meaning of the text, we also investigated the strategies used by the reader, as its personal, situational and encyclopedic knowledge that had assisted in the recognition of genre and of the dialogical situations that had contributed for the achievement of meaning and understanding of the text.

---

**Key words:** interaction: meaning; genre; explicit; implicit.

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo desvendar as estratégias de balanceamento dos explícitos e implícitos, também chamado de Princípio da Economia, bem como o Princípio da Continuidade de Sentido, acionada pelo leitor no ato da leitura do texto “Velha história”, de Mário Quintana.

Para tanto, levaremos em consideração a concepção de língua dialógica, a qual requer uma mobilização de um grande conjunto de saberes por parte dos sujeitos, já que a essa concepção de língua, o sentido de um texto é construído na interação entre texto e sujeitos.

Dascal, citado por Koch (2006), considera que há uma eterna busca pelo sentido, o que faz com que o receptor busque estratégias para ser capaz de interpretar e encontrar o sentido do texto. Segundo essa consideração, o processamento textual só acontece na interação entre produtor e interpretador.

Koch (2006) também apresenta a concepção sociointeracional da linguagem, considerando ser os sujeitos – produtor e interpretador – “estrategistas” na produção de sentido textual. De acordo com ela, o produtor de um texto utiliza o mecanismo de “balanceamento”, determinando o que deve ser explicitado e o que pode ficar implícito no texto, pressupondo que o leitor ative seus conhecimentos armazenados na memória como: textuais, situacionais e enciclopédicos, para construir o sentido do texto por ele produzido.

Embasados nessas discussões apresentadas acima, consideramos interessante analisar os mecanismos utilizados pelo leitor no processo interacional com o produtor, Mário Quintana, a fim de observar como este leitor ativa seus conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos e procura decifrar as estratégias de balanceamento entre explícito e implícito, para compreender o sentido no texto “Velha história”.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA

Para desenvolver o estudo sobre o balanceamento dos explícitos e implícitos no conto “Velha história”, de Mário Quintana, partiremos inicialmente das reflexões sobre gêneros textuais apresentados por Koch (2006), Bronckart (1999) e Maingueneau (1989), pois consideramos que o gênero é o primeiro elemento ativado pelo leitor na busca da construção do sentido de um texto.

Koch (2006) apresenta gênero como ferramenta, porque o sujeito age discursivamente em uma situação/ação por intermédio de um modelo. Já para Bronckart (1999, p.137), “a noção de texto designa toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário”. Segundo Maingueneau (1989, p.102), “a imitação de um gênero de discurso pode assumir dois valores opostos: a captação e a subversão”.

A concepção de gênero como modelos indexados, disponíveis, no intertexto, é primária, pois, de acordo com Bronckart (1999), gêneros não podem nunca ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva. É necessário, portanto, que o leitor pense em gênero como tipo de discurso e tipo de texto para compreender o sentido do texto em estudo.

Na busca da construção de sentido pelos elementos explícitos e implícitos deixados, por Mário Quintana, faremos, primeiramente, uma análise da organização textual proposta por Bronckart (1999, p. 119), “concebemos a organização de um texto como um folhado constituído por três camadas superpostas: infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos”.

Em seguida, pensaremos sobre a questão da heterogeneidade discutida por Maingueneau (1989), que considera ser todo texto heterogêneo, apresentando a dupla heterogeneidade textual como: a heterogeneidade mostrada e marcada, a qual incide sobre as manifestações explícitas no texto e a heterogeneidade mostrada e não

marcada, que não está na superfície textual, mas pode ser definida pela AD através do interdiscurso.

Ao observarmos a heterogeneidade anunciada por Maingueneau, refletiremos sobre a heterogeneidade apresentada por Authier-Revuz (1990, p. 27), que diz: “Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’”.

## VELHA HISTÓRIA

(Mário Quintana)

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então, ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelo café. Como era tocante vê-los no “17”! — o homem grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moça, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando do peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranja por um canudinho especial.

Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:

“Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não”. Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste”!

Dito isso, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n’água. E a água fez redemoinho, que foi depois serenando, serenando até que o peixinho morreu afogado.

## ANÁLISE DE ALGUNS PROCEDIMENTOS TEXTUAIS QUE AUXILIAM NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Partindo de uma classificação primária a respeito de gêneros textuais, consideramos que “Velha história” pode ser caracterizado como pertencente ao gênero conto, mais especificamente ao “conto maravilhoso”, pois o marcador textual introdutor do texto em estudo, “Era uma vez”, é uma expressão comum aos clássicos dos contos de fadas.

De acordo com o estudo apresentado por Maingueneau (1989), na chamada “captação” de um gênero, a imitação incide sobre a estrutura explorada, enquanto, na chamada “subversão”, ocorre a desqualificação da estrutura. Sendo assim, observamos que, em “Velha história”, há uma subversão do gênero “conto de fadas”, pois sua estrutura inicial *Era uma vez* é uma marca intertextual explícita que conduz o leitor ao mundo da ficção, dos heróis e princesas, em que as histórias são fabuladas e os personagens são surreais, além de se esperar um final feliz. Mas no texto em estudo, embora o personagem homem represente um herói no enunciado, não há o final feliz esperado pelo leitor, já que o peixinho morre afogado — “E a água fez redemoinho, que foi depois serenando, serenando até que o peixinho morreu afogado”.

Também devemos repensar na classificação primária do gênero, quando refletimos o estudo apresentado por Bronckart (1999, p. 248):

Os gêneros de texto nunca podem ser identificados e definidos apenas com base em suas propriedades lingüísticas, devendo-se abandonar qualquer projeto de identificação-definição-classificação dos textos com base exclusivamente em suas propriedades internas.

Logo, é impossível uma detecção mecânica quanto ao gênero de um texto, sem antes realizar uma análise qualitativa de seu valor semântico, visto que determinados tipos de discurso podem apresentar gêneros mesclados, ou seja, mais de um gênero.

O que provoca estranhamento ao leitor não é apenas a subversão ao gênero esperado pelas marcas textuais introdutoras do objeto em estudo, e sim, a mistura de gêneros que a narrativa abarca, pois não há uma classificação unívoca, parte-se da perspectiva do gênero “conto”; “conto de fadas”, para “histórias de pescadores” e depois “fábula”. Sendo assim, a única afirmativa em relação ao gênero que se pode inferir é que “Velha história” pertence a um gênero mais amplo, ou seja, o gênero narrativo, devido à infra-estrutura estável do mesmo.

Um texto só ganha sentido através da atividade de interpretação, na qual seus leitores vão reconstruindo os sentidos a partir dos indícios deixados na materialidade textual. Para a análise dos indícios na materialidade textual de “Velha história”, partiremos dos estudos de Bronckart (1999), sobre as três camadas superpostas que organizam um texto.

Seguindo suas considerações, verificamos que o texto de Mário Quintana, “Velha história” tem por intra-estrutura geral as características estáveis do texto narrativo, pois mantém a organização de conjunto do conteúdo temático como:

- a) situação inicial – havia um homem pescando;
- b) complicação – pescou um pequeno peixe e ficou com pena dele;
- c) ações desencadeadas – curou o ferimento causado pelo anzol, colocou o peixe no bolso e levou-o para casa, cuidando carinhosamente dele;
- d) resolução – concluiu que não deveria privar o peixe do contato com seus familiares, portanto deveria devolvê-lo ao rio;
- e) situação final – o peixe morreu afogado.

Os mecanismos de textualização utilizados pelo autor na composição de “Velha história”, além de estabelecerem a coerência temática, são fundamentais à construção de sentido do conto, eles podem

ser destacados, em alguns fragmentos analisados abaixo, como os conectores conjuntivos:

– *mas*, que introduz a oração: “Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente”, esta conjunção marca o início da complicação no texto, pois a situação inicial é de um homem pescando, o qual espera pegar um peixe grande que satisfaça à expectativa do pescador, assim a conjunção introduz uma adversidade à sentença inicial, já que o peixe era “pequenino e inocente”, remetendo à ação de não pescar, ou soltá-lo.

– *ora*, iniciando a oração: “Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio”, é outra conjunção que irá interromper uma ação rotineira, na qual o homem e o peixe estavam vivendo, para provocar, na narrativa, uma outra mudança de atitude. Esta conjunção introduz, no pescador, um outro sentimento em relação ao peixe pescado. É o início da resolução na narrativa.

Outros mecanismos de textualização são as anáforas pronominais e nominais as quais podem ser visualizadas no fragmento: “Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente.... E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente”. O adjetivo substantivado *coitadinho* e o substantivo *animalzinho* são exemplos de anáforas nominais que, no conto, retomam o peixe que também está marcado textualmente no diminutivo. Há também o pronome “o” em *guardou-o*, cuja utilização anafórica pronominal, novamente, refere-se ao elemento peixe.

Bronckart (1999, p. 127-128) destaca como mecanismo de textualização os organizadores temporais e diz que:

O segmento de narração apresenta dois tempos de base, o pretérito perfeito e o imperfeito, que são dominantes em todos os parágrafos que apresentam esse tipo de discurso. Esses dois tempos contribuem para a organização da temporalidade primeira da narração, isto é, para a explicitação do tipo de relação existente

entre a progressão da atividade narrativa e a progressão efetiva dos processos constitutivos do conteúdo temático (ou processos constitutivos da diegese).

Vemos, portanto, em “Velha história”, que o tempo-base é o tempo da narrativa, pois predomina o pretérito perfeito e o imperfeito. “Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até apanhou um peixinho!” Ambos os tempos servem para indicar uma progressão dos acontecimentos narrados. Enquanto o pretérito imperfeito apresenta uma ação narrativa incompleta, o pretérito perfeito vem introduzir uma ação concretizada e concluída.

A fim de proporcionar coerência pragmática ao texto, o autor deve recorrer a mecanismos enunciativos como: tipo de narrador, vozes e modalizações. No conto em estudo, observa-se um narrador em 3<sup>a</sup> pessoa, distanciado do tempo narrado, mas conhecedor da história por ele contada. O mecanismo que o narrador utiliza, de ocultar-se por trás de um terceiro, é uma maneira de sugerir o que se pensa, sem responsabilizar-se pelo dito.

No fragmento destacado de “Velha história”, fica visível que o narrador não se compromete com o dito, apenas o reproduz em sua narrativa: “Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem cachorrinho”. Não há, pois, uma preocupação com a verdade, já que peixe não trota, quem trota é cavalo, mas na história ele trota, “quem nem um cachorrinho”.

Para destacar na intra-estrutura textual a resolução da narrativa, o autor introduz um parágrafo em discurso direto, utilizando verbos empregados no presente do indicativo. “Não, não me assiste o direito de te guardar comigo... Não, não e não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste”! Esse recurso, segundo Bronckart (1999), provoca no conto um valor de simultaneidade, indicando que o momento da fala do homem coincide com o momento da narrativa.

Segundo Maingueneau (1989), quando o autor introduz o discurso direto a fim de reproduzir literalmente as alocações citadas, ele



pretende mostrar uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta.

Outro mecanismo enunciativo utilizado pelo autor, neste texto em estudo, pode ser observado pelas vozes expressas no texto, por exemplo, na voz do personagem homem, no fragmento: “Não, não me assiste o direito de te guardar comigo”, aparecem as vozes sociais que questionam o direito à liberdade. E no fragmento “E viva eu cá na terra sempre triste” ouvimos a voz camoniana.

Na tradição gramatical, os aspectos do conteúdo temático são denominados de modalizações. No texto “Velha história”, as modalizações lógicas que tentam caracterizar julgamentos sobre o valor de verdade das proposições enunciadas são marcadas pelas expressões: Era uma vez, E desde então, um dia. Essas expressões indicam uma incerteza em relação ao tempo e ao lugar no qual se passa a história.

Como modalizações deônticas, destacamos o emprego dos diminutivos: peixinho, pequenininho, coitadinho e animalzinho, pois são marcadores que enunciam os valores sociais que permitem o tratamento dado ao peixe pelo homem, ou seja, o homem pôde cuidar do peixe como animal de estimação, porque este era pequeno e frágil, necessitava de auxílio e cuidados.

Destacamos como modalização apreciativa o fragmento “Como era tocante vê-los no ‘17!’”, porque evidencia uma subjetividade do narrador em relação ao fato por ele enunciado, aqui o narrador marca textualmente sua posição em relação à cena enunciativa, já que a aprecia.

Também se destacam modalizações pragmáticas, ou seja, o julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade do personagem homem, já que ele se apresenta em uma ação de dever-fazer e querer-fazer, enunciados no fragmento do discurso direto: “Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não. Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste”.

Outra análise possível para se fazer em “Velha história”, é um olhar sob a perspectiva polifônica apresentada por Authier-Revuz (1990, p. 28):

Sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da ‘pontuação do inconsciente’.

Na oração: “Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até apanhou um peixinho!” – O fragmento: “um homem que estava pescando” ativa, na memória do leitor, as histórias contadas por pescadores, sempre histórias exageradas. O vocativo “Maria” também é relevante, pois ao chamar a atenção da mulher a prestar atenção à história contada, o narrador espera que o leitor fique atento. E podemos destacar inclusive a preposição “até” por deixar pressuposto que raramente um pescador consegue pegar um peixe, mas que naquele momento ele pegou um pequenininho.

Também de acordo com Authier-Revuz (1990, p. 90), “As aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário”. Por isso a AD destaca seu valor semântico, por possuir um caráter imprevisível e ter uma grande relação com o implícito. No fragmento: “Como era tocante vê-los no ‘17’!”, o número 17 entre aspas faz com que o leitor busque construir o sentido através de outros elementos lingüísticos no conto, como “*era tocante vê-los*”, deixa explícito que tanto o homem quanto o peixinho estavam em um lugar público. Também em “com uma mão segurando a xícara de fumegante moca...” implícita que este local deve ser um bar ou uma lanchonete, por isso, o sentido atribuído ao termo entre aspas “17” é de que representa o nome do bar/café onde estavam.

Na interação entre Mário Quintana e leitor, encontra-se a produção de sentido do conto: o peixe é uma metáfora de um homem/mulher, pois foi humanizado para que refletíssemos sobre a dominação/manipulação de um ser em relação ao outro. No início da narrativa,

o cuidado despendido pelo homem ao peixe, como se realmente quisesse protegê-lo, representa, na verdade, mais uma necessidade de cobrir sua própria carência, solidão, do que ajudar o peixe. O autor deixa isto implícito na palavra explícita “pescado”, ao enfatizar que o peixe fora pescado – “Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado”.

Também se constata que não é absurda a morte do peixe. Já que, quando o homem, tomado pela consciência de não lhe caber o direito de privar o peixe de sua família e decide devolvê-lo ao rio, o peixe fora transformado pelo homem, portanto, já não era mais um peixe.

Finda a análise proposta, conclui-se que “Velha história” abarca uma mistura de gêneros, apresentando característica da fábula, uma “moral” pressuposta, a qual dialoga com o clássico *Pequeno Príncipe* – “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, o que justifica a morte do peixe ao ser devolvido ao rio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fizemos, neste esboço de análise, foi refletir sobre alguns pontos que mais chamaram a atenção do leitor no processo de interação entre produtor e interpretador na produção de sentido do conto “Velha história”, de Mário Quintana.

A primeira leitura do conto causou-nos estranhamento, ele parecia incoerente e inverossímil à expectativa do leitor. O próprio título, “Velha história”, aciona a recepção de uma história tradicional ou reconstruída a partir de um modelo, mas, ao findar a leitura, esta expectativa é quebrada, o que provoca a indignação e sentimento de dificuldade na compreensão do conto.

Após a análise da infra-estrutura geral do texto, de alguns mecanismos de textualização e enunciativos sugeridos por Bronckart (1999), que ajudaram na observação da progressão dos acontecimentos narrados, procuramos, a partir da heterogeneidade mostrada, marca-

da e não marcada, e sob a perspectiva polifônica de Authier-Revuz (1990), ouvir as vozes implícitas, a fim de construirmos o sentido do conto “Velha história”.

Desvendadas algumas estratégias de balanceamento dos explícitos e implícitos utilizados pelo autor na composição de “Velha história” e ativados nossos conhecimentos prévios, para reconhecer o sentido do conto, aquela sensação inicial de incoerência e dificuldade na compreensão foi desfeita. O que comprova a necessidade de interação entre texto e sujeito, autor e leitor para que a produção de sentido textual se realize.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativas. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*. Tradução de Celane M. Cruz e João Wanderley Geraldi. n. 19. Campinas: Unicamp, 1990.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005,

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Unicamp, 1989.

